

PERCEPÇÕES E DISCURSOS: A MULHER ESCRAVA E A OBRA ABOLICIONISTA DE LYDIA MARIA CHILD (1833-1865)

Palavras-chave: gênero, abolicionismo, literatura

Autora: Isabela Carolina Bagatini (História - IFCH/UNICAMP)

Orientadora: Professora Dra. Raquel G. Alves Gomes
(Departamento de História – IFCH/UNICAMP)

INTRODUÇÃO

É especialmente comum, na cultura estadunidense, a reprodução e/ou adaptação do verso “Over the river and through the wood, to grandfather’s house we go” (FLOWERS FOR CHILDREN, 1854). Pouco se sabe, entretanto, que esse, parte de um poema mais extenso sobre a celebração de Ação de Graças, que remete a tempos coloniais, foi escrito por uma obscurecida autora chamada Lydia Maria Child.

Nascida Lydia Maria Francis em Medford, Massachussetts, no ano de 1802, era filha de um padeiro e, embora ávida por conhecimento, não teve a chance de frequentar a universidade, diferentemente do irmão mais velho, Convers, que foi o primeiro da família a se graduar. Em parte por questões financeiras mas em especial por ser mulher numa sociedade que ainda impunha significativas restrições ao papel destas, Child se educou como pôde, em escolas locais e por meio das muitas leituras que fazia, contando frequentemente com a ajuda e supervisão de Convers. Ele foi um grande incentivador dos estudos da irmã, e apoiou sua decisão de seguir carreira como escritora (KARCHER, 1994).

A ideia da presente pesquisa surgiu por meio de uma leitura que inicialmente não tinha essa autora como objeto de estudo, mas que permitiu perceber as potencialidades presentes nos seus trabalhos. De fato, como ficou ainda mais claro no decorrer da pesquisa, Lydia Maria Child teve grande renome ao longo de sua vida, tendo exercido influência sobre mais de uma geração de estadunidenses durante o século XIX (KARCHER, 1994). Sendo assim, foi bastante acertada a decisão de resgatar um pouco de sua vida e obra, e adentrar as muitas questões que essas fontes nos colocam.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A premissa inicial a ser avaliada era que Child, uma abolicionista, que protestava contra a prática da escravidão e que também denotava seu engajamento na crescente mobilização pelos direitos das mulheres, acabava contradizendo-se, em partes, ao advogar contra a escravidão em seus escritos. Isso se devia ao fato, segundo Kellow (1996), de a autora retratar suas “irmãs” escravizadas como incapazes, desprovidas de qualquer agência, e de vislumbrar para elas, num cenário pós-abolição, uma posição na sociedade que as colocaria sob o jugo do patriarcalismo que muitas mulheres brancas naquela ocasião já reconheciam como opressor.

A partir daí surgiu o interesse em avaliar com mais rigor e cuidado parte do trabalho de Child, a fim de compreender a veracidade dessa premissa, assim como os matizes envolvidos no comportamento da escritora. Isso seria realizado mediante a leitura dos seus escritos de maior repercussão, especialmente os literários, a análise de seu trabalho editorial sobre a autobiografia da ex-escrava Harriet Jacobs e - no intuito de estabelecer uma comparação entre o posicionamento da autora a nível público e privado - através da leitura de suas correspondências pessoais. Esse importante processo, além de esclarecer a questão inicialmente posta, também denotaria algumas das reverberações que esse ativismo de Child teve nas décadas posteriores, inclusive no século XX.

Portanto, emprestando metodologias como as de Sidney Chalhoub (2003) em *Machado de Assis, Historiador*, que direcionam o uso de fontes literárias na historiografia, a autora desta pesquisa iniciou os estudos, a princípio analisando o percurso de Child inserida em seu contexto sociocultural, e depois recorrendo a discussões mais específicas.

DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

Ainda que a literatura sobre essa abolicionista não seja vasta, foi possível conhecer um pouco mais sobre sua vida e obra, entender suas felicidades e percalços e, mais importante, observar com mais nitidez o seu papel naquela conjuntura. Ainda a respeito do problema que fundamentou o desenvolvimento desta pesquisa, as leituras foram bastante esclarecedoras.

Delineou-se, aos poucos, a percepção de que Child, entre as suas companheiras que somavam forças contra a escravidão, era uma pessoa de postura mais moderada. Evidentemente ela desafiou muitas vezes ao longo de sua trajetória as normativas estabelecidas por aquela sociedade patriarcal, aventurou-se a estudar e a ser uma intelectual, mesmo que essa fosse uma prática bastante dissociada do ideal de

feminilidade que predominava (CONRAD, 1976). Igualmente, já com sua carreira estabelecida, lutou contra o racismo e a escravidão, e não teve medo de perder apoio do seu público - como de fato ocorreu quando ela publicou seu primeiro tratado abolicionista (KARCHER, 1986) – e nem de ser atacada pelas *mobs* de sulistas conservadores, rebeliões e ataques promovidos por escravagistas e seus simpatizantes. Cuidadosa com as palavras, mesmo assim publicou escritos polêmicos, especialmente no que dizia respeito a denunciar as muitas crueldades que se permitia ocorrer no seio do sistema escravista.

Ao que parece, entretanto, a autora não ousava ir tão mais além, e seus questionamentos relacionados à condição da mulher, muitas vezes demonstrados em cartas, não figuraram tanto em seus trabalhos. Portanto, a questão de gênero, ainda que considerada, não ganhava a mesma relevância por parte da abolicionista, e ela, embora questionadora das imposições e restrições que as mulheres sofriam, mantinha certo resguardo. Uma prova disso é sua esquivia, entre outros fatores por ser mulher, em discursar publicamente em defesa da própria causa abolicionista (MELTZER; HOLLAND; KRASNO, 1982, p. 64), como as irmãs Sarah e Angelina Grimké - suas contemporâneas que lutaram contra a escravidão e a favor dos direitos das mulheres - fizeram.

Isso, sem dúvidas, é um elemento que se reflete na forma como ela dialoga com as questões sociais. Child atacava a escravidão por ser cruel e desumana, e seus argumentos frequentemente carregavam apelos à moral: fosse à moral religiosa, da qual ela também não se desvencilhava totalmente, ou à chamada moral feminina, típica ao ideal de “*true womanhood*”, que era justamente o que estabelecia o papel das mulheres brancas naquele contexto, atrelado sempre ao ambiente doméstico, e a ideias de pureza e piedade (CONRAD, 1976).

Por consequência, a escritora carregava esses textos de maior circulação com as hediondas imagens da escravidão, mas, tratando especialmente das mulheres escravizadas, duplamente rechaçadas pela interseccionalidade raça e gênero, acabava classificando-as como sujeitos desamparados e com pouca ou nenhuma agência. De maneira semelhante, impunha o ideal de *true womanhood* para essas, o que acontece nas intervenções que realiza no texto de Harriet Jacobs e em seus escritos sobre o pós-emancipação. Pôde-se notar – e aqui as correspondências de Child tiveram papel fundamental - que essa abordagem da autora segue padrões muito semelhantes em ambas as esferas pública e privada.

Todo esse entendimento responde bem à tese de Kellow apresentada anteriormente, e à primeira hipótese levantada pela autora deste estudo, segundo a qual a forma com que Child abordava as questões estava intrinsicamente relacionada a uma estratégia retórica sua. De fato, por ela continuar flertando com alguns desses ideais mais tradicionais, e por acreditar, durante grande parte da sua vida, em um abolicionismo que garantisse o convencimento pela palavra (KENSCHAFT, 2002), esse zelo na forma como abordaria seu público - que consistia sobretudo nas mulheres nortistas e brancas - era essencial.

Por outro lado, percebeu-se também como esse comportamento não era restrito à autora. Em maior ou menor grau, outras abolicionistas brancas do seu tempo acabaram fazendo o mesmo; o uso do emblema da escrava suplicante, que comparado à versão masculina também difundida na época denotava os mesmos sofrimento e desamparo (YELLIN, 1989), exemplifica bem isso.

No que concerne especificamente a Child, vê-se que as consequências de sua abordagem nem sempre foram as mais felizes. À parte da sua inegável capacidade de conquistar o leitor, recursos como a utilização da *tragic mullatta*, tipo de personagem popularizado por ela mesma, e que se refere à negra de pele mais clara, quase branca, acabaram impedindo uma identificação completa do seu público com a mulher negra por excelência, como sugere Jean Fagan Yellin (1989) e mesmo sua biógrafa Carolyn Karcher (1986a). Além disso, de maneira mais geral é possível associar essas falhas no incipiente feminismo daquele contexto à pouca identificação da mulher negra - que desde os primórdios de sua trajetória no Ocidente nunca esteve em posição de igualdade em relação às mulheres brancas - com ele, culminando no surgimento do feminismo negro na segunda metade do século XX.

CONCLUSÕES

Nesses termos, encerra-se essa pesquisa de iniciação científica, na certeza de que ainda há mais a ser explorado em Lydia Maria Child, ainda hoje consideravelmente esquecida mesmo no meio acadêmico, e em outras abolicionistas do período. A conclusão a que se chega não visa culpabilizar ou inocentar essa escritora, que agiu nos limites do seu tempo e que, ainda que com esquivas, fez escolhas que podem ter deixado muitos de seus contemporâneos escandalizados.

Estudar Child e sua obra nos permite refletir sobre passado e presente, e sobre como a historiografia é uma imprescindível aliada no entendimento das variadas

conexões entre os dois. Com a esperança de que esse papel seja cada vez mais reconhecido, despedimo-nos, por ora, dessa figura que mostrou ter muito a ensinar.

Bibliografia

- CHILD, Lydia M. **An Appeal in Favor of That Class of Americans Called Africans**. Amherst: The University Of Massachusetts Press, 1996.
- _____. **Flowers for Children**. Nova Iorque: C S Francis & Co., 1854.
- _____. **A Romance of The Republic**. Lexington: The University Press of Kentucky. 1997.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: Historiador**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- CONRAD, Susan Phinney. **Perish the Thought**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1976.
- JACOBS, Harriet. **Incidentes na Vida de uma Garota Escrava: escritos por ela mesma**. São Paulo: Aetia Editorial, 2018.
- KARCHER, Carolyn L. **The First Woman in the Republic: a cultural biography of Lydia Maria Child**. Durham: Duke University Press, 1994.
- KARCHER, Carolyn L. **Censorship, American Style: the case of Lydia Maria Child**. In: MYERSON, Joel (ed.). *Studies in the American Renaissance*. Charlottesville: University Of Virginia Press. pp. 283-303, 1986.
- KARCHER, Carolyn L.. **Rape, murder and revenge in "Slavery's pleasant homes": Lydia Maria Child's antislavery fiction and the limits of genre**. *Women's Studies International Forum*, [S.L], v. 9, n. 4, p. 323-332, 1986a.
- KENSCHAFT, Lori. **Lydia Maria Child: the quest for racial justice**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2002.
- KELLOW, Margaret M. R. **The Divided Mind of Antislavery Feminism: Lydia Maria Child and the construction of African American womanhood**. In: MORTON, Patricia (ed.). *Discovering the Women in Slavery: emancipating perspectives on the American past*. Athens: University Of Georgia Press, 1996. p. 107-126.
- MELTZER, Milton; HOLLAND, Patricia G; KRASNO, Francine (ed.). **Lydia Maria Child: selected letters, 1817-1880**. Amherst: The University Of Massachusetts Press, 1982.
- YELLIN, Jean F. **Women and Sisters**. New Haven: Yale University Press, 1989.